

JUVENTUDE MONSTRUOSA: subjetividade e sexualidade no currículo do Orkut¹

Shirlei Rezende Sales do Espírito Santo
Marlucy Alves Paraíso

Universidade Federal de Minas Gerais
Belo Horizonte, Brasil

Resumo

Este trabalho tem como objetivo analisar o processo de produção de subjetividades juvenis engendrado pelo discurso da comunidade do Orkut “Eu odeio estudar”, *site* de relacionamentos mais acessado no Brasil com mais de 40 milhões de usuárias/os, sendo, portanto, um importante artefato midiático-cultural da contemporaneidade. Com base nos estudos culturais, na teoria *queer* e em conceitos foucaultianos, considera-se neste trabalho que a subjetividade é produzida discursivamente, por meio de várias técnicas, procedimentos e exercícios disponíveis na cultura, com o objetivo de regular as condutas. O argumento desenvolvido é que o currículo do Orkut ensina determinados “modos de existência” juvenis, definidos por certas condutas em relação à escola e à sexualidade, transformando a diferença em monstro. Para isso, são travados grandes duelos entre os membros da comunidade, utilizando como referência padrões estabelecidos, que compõem os regimes de verdade do nosso tempo. Assim, é produzida a juventude *vagabunda* em oposição à juventude *nerd*, ambas subjetividades pautadas em padrões advindos do processo de normatização social, o qual atua conjuntamente na escola e no Orkut.

Palavras-chave: Mídia; juventude; sexualidade.

Abstract

This paper has as objective to analyze the youthful subjectivities production process engendered by the discourse of the Orkut community “I hate to study”. Nowadays the Orkut is a site of relationships more accessed in Brazil and has more than 40 million users, being, therefore, an important media-cultural device of the contemporaneity. Based in the Cultural Studies, in the *queer* theory and in Foucault’s concepts, this paper considers that the subjectivity is produced by discourses, through several techniques, procedures and practices available in the culture, with the objective of behaviors regulation. The argument developed is that the Orkut’s curriculum teaches determined youthful “ways of existence”, defined by certain behaviors regarding to the school and to the sexuality, transforming the difference into monster. For that, great duels are held between the community members, utilizing standards established as reference, which compose the truth regimes of our time. So, the *vagabond* youth is produced in opposition to the *nerd* youth, both subjectivities listed in standards resulted from the social normalization process, which acts jointly at the school and in the Orkut.

Key-words: Media; youth; sexuality

Apresentação

A importância da mídia na atualidade tem sido alvo de amplos debates no cenário mundial, ora demonizando-a – ao acusá-la de induzir à violência, à promiscuidade ou à degradação dos valores morais – ora endeusando-a, ao exaltar principalmente a velocidade e a democratização do acesso às informações, por ela proporcionadas. Velocidade e amplo alcance conquistados graças ao desenvolvimento tecnológico. A intensificação e extensão da presença e uso das novas tecnologias da comunicação e informação na contemporaneidade têm configurado o que algumas/alguns teóricas/os denominam como “novo estado da cultura” o qual é “caracterizado sobretudo por uma ampliação dos lugares em que nos informamos, em que de alguma forma aprendemos a viver, a sentir e a pensar sobre nós mesmos” (FISCHER, 1997, p. 62). Esse novo estado da cultura pode ser também denominado de tecnocultura ou, no termo aqui adotado, cibercultura.

Cibercultura especifica “o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço” (LÉVY, 1999, p.17). Na cibercultura circulam discursos diversos dirigidos à juventude conectada. Discursos são aqui compreendidos como “práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam” (FOUCAULT, 2005, p. 55). Nesses discursos, por meio de variadas técnicas, tecnologias e estratégias são produzidas subjetividades, determinados “modos de existência”, diferentes formas de se conduzir, no caso que nos interessa aqui especificamente, diante da escolarização e também da sexualidade.

Os estudos sobre a sexualidade têm mostrado que ela “é construída de forma diferente através das culturas e do tempo” (PARKER, 2003, p. 128). Isso porque a sexualidade “envolve rituais, linguagens, fantasias, representações, símbolos, convenções... Processos profundamente culturais e plurais” (LOURO, 2003, p. 11). A construção da sexualidade não é definitiva, ao contrário, é “instável, mutável e volátil, uma relação social contraditória e não finalizada” (BRITZMAN, 1996, p. 74). Essa perspectiva contesta o determinismo biológico presente em certas representações da sexualidade no ocidente (cf. PARKER, 2003) e coloca em questão o que é ou não aceito socialmente em termos de conduta sexual, mostrando como o cenário cultural, bem como as relações de saber-poder atuam nessa aceitabilidade. Isso porque “nenhuma identidade sexual – mesmo a mais normativa – é automática, autêntica, facilmente assumida; nenhuma identidade sexual existe sem negociação” (BRITZMAN, 1996, p. 74. Grifos da autora). A atenção se volta também para os sentidos produzidos socialmente para as diferentes práticas sexuais, em que muitas vezes a homossexualidade é rejeitada, segregada e execrada como desviante, anormal e pervertida. Nesse caso, as formas de discriminação sexual assumem uma declarada homofobia (cf. LOURO, 2003).

A sexualidade produzida culturalmente, na contemporaneidade, está sendo construída também no ciberespaço, em que a juventude aparece como o grande símbolo da vida hiper conectada. Os aparatos tecnológicos-midiáticos estão cada vez mais multiplicados: celulares, *web cam*, *MP3*, *i-pods*, *chats*, *blogs*, jogos eletrônicos, *e-mails*, *MSN Messenger* e

a sensação do momento no Brasil: Orkut. O Orkut é um site de relacionamentos, e é hoje o endereço eletrônico mais acessado no Brasil.² Os números do Orkut são impressionantes: possui mais de 40 milhões de usuárias/os, sendo que, aproximadamente, 70% são jovens e 58% denominam-se brasileiras/os.³

Este trabalho analisa os tipos de subjetividades juvenis engendradas pelo discurso das comunidades do Orkut que tratam da escola. O argumento aqui desenvolvido é de que o currículo do Orkut ensina determinados “modos de existência” juvenil, que visam à intensa e permanente regulação das condutas em relação à escola e à sexualidade, transformando a diferença em monstro. O trabalho está fundamentado na produção de Michel Foucault, nos Estudos Culturais e na teoria *queer*.

O currículo do Orkut

O Orkut foi criado em janeiro de 2004, nos Estados Unidos⁴ e se auto-define como: “uma comunidade online que conecta pessoas através de uma rede de amigos confiáveis”. Conforme explicita em sua página, proporciona “um ponto de encontro online com um ambiente de confraternização, onde é possível fazer novos amigos e conhecer pessoas que têm os mesmos interesses”⁵. Esse encontro pode acontecer nas comunidades do Orkut, as quais tratam de uma ampla diversidade de temáticas. Muitas delas, no entanto, se organizam em torno de dois eixos de identificação: amar ou odiar. Nesse tipo de comunidade, *ama-se* ou *odeia-se* determinado assunto, aspecto, pessoa, local, música, instituição, esporte, comida etc.

A participação em uma comunidade pode ser mais ativa (o que inclui debater ou até mesmo criar os *tópicos*⁶ propostos nos *fóruns*⁷ e também divulgar eventos relacionados à respectiva temática) ou pode consistir em apenas adicionar a comunidade escolhida ao seu perfil, como é feito na maior parte dos casos. De um modo ou de outro, adicionar uma comunidade significa deixar públicas as idéias com as quais a/o usuária/o se identifica. É um procedimento para levar a pessoa a pensar sobre si, sobre quem ela é, sobre aquilo que ama ou odeia, sobre o que faz ou não, sobre como se comportar em determinadas situações. Participar de uma comunidade funciona como uma “técnica de si”⁸, no sentido foucaultiano, para levar a/o usuária/o a pensar sobre si e a escrever sobre si, proporcionando uma ampla visibilidade das/os jovens, as/os quais ficam permanentemente expostos a múltiplos olhares, à vigilância constante e conseqüente regulação de suas condutas.

Para participar de uma comunidade do Orkut, a/o usuária/o deve fazer alguns exercícios de auto-reflexão, auto-avaliação e narração de si. Por meio desse mecanismo, inúmeras informações sobre si são analisadas, criadas e também expostas ao julgamento das/os outras/os. É possível ainda criar suas próprias comunidades e assim congregar adeptas/os daquilo que se pretende divulgar. Desse modo, as comunidades do Orkut proporcionam à/o usuária/o uma série de exercícios para a produção de um eu que se conduz de determinado modo.

Para este trabalho foram pesquisadas as comunidades com maior número de participantes localizadas pelo Orkut, por meio das palavras-chave: “odeio estudar” e “amo estudar”. A primeira comunidade encontrada é “Eu odeio estudar”, com 206.263 membros.⁹ No pólo oposto, a comunidade “Eu amo estudar”, conta com um número 16 vezes menor de participantes, 12.753.¹⁰ A grande discrepância entre o número de membros entre as duas comunidades mostra que, no Orkut, há muito mais pessoas que aderem à proposta de exibir e externar seu ódio por estudar. Devido a essa desproporção e considerando os limites do presente trabalho, trabalhamos apenas com a comunidade das/os que odeiam estudar.

Esse ódio é narrado de diferentes modos no fórum da comunidade. Há, por exemplo, um tópico solicitando aos membros que descrevam a escola em três palavras. De julho de 2005, quando foi criado, até janeiro de 2007, esse tópico teve 688 *posts*¹¹. Esse número é bastante expressivo no contexto do Orkut e revela que o tema é bastante incitante para os membros da comunidade. Lá é possível ver a escola descrita como “muito ruim”, por meio de inúmeros palavrões e também por termos como:

perda de tempo; chata; nojenta; horrorosa; cansativa; lixo; a pior coisa; tédio; porcaria; irritante; sem graça; idiotice; revoltante; insuportável; tosca; estresse; ditadura capitalista; prisão; tortura; escravidão; quartel; inferno; um tremendo hospício.

A escola é percebida como um local desprezível e irrelevante, o qual restringe a tão sonhada liberdade, afinal aprisiona, tortura e escraviza. É ainda um lugar de regras muito rígidas, de muito controle e disciplina, como um quartel. É também um espaço conturbado, caótico e confuso, proporcionando uma vivência semelhante à que se imagina em um inferno ou hospício. Talvez por tudo isso, seja o local para a contestação e oposição juvenil. Assim, as/os jovens “de verdade” devem ser transgressores e lá se comportar de modos bastante específicos:

chutem os professores; matem a professora; matem a diretora; matem quem a inventou; bomba na escola; durmo na carteira; boa pra zoar; gazetear é o que há; truco na sala; local de bagunça.

Mas também é possível encontrar nos debates raras definições que contrariam o primeiro grupo, e descrevem a escola como uma instituição, de algum modo, importante:

Sabedoria para sempre; pra quem quer; um lugar agradável, de convivência entre irmãos; tudo de bom; escola é muito bom para desenvolver o raciocínio; ruim, mas importante; chata, mas melhora nosso futuro.

Essas definições complacentes em relação à escola são, no entanto, imediatamente contestadas pela maioria das/os participantes da comunidade. As tipificações são construídas de modo a enquadrar os comportamentos das/os jovens, classificar suas atitudes e, principalmente, banir tudo aquilo que não se adequa aos padrões estabelecidos no que se

refere à escolarização. Assim são produzidas as condutas “normais” e também as “desviantes”, com base no seguinte referente: a juventude transgressora. Mas afinal, quem são as/os “anormais” do Orkut?

As subjetividades juvenis: quem são os monstros?

Nessa escola descrita como ruim, só pode haver um tipo de conduta da juventude: oposição. Essa pode ser expressa de alguns modos como *matar aula, colar na prova, jogar truço na sala, zoar professoras/es*. Tais comportamentos são conclamados pelas/os que odeiam estudar. Além de odiar estudar, as/os “verdadeiras/os” jovens devem *aproveitar a vida, beber, sair, ir pra balada, beijar na boca, zuar e se divertir*. Essas/es jovens são as/os denominadas/os **vagabundas/os** que até gostam da escola – principalmente pela possibilidade de encontrar as/os amigas/os – mas odeiam estudar, odeiam as disciplinas curriculares, odeiam professoras/es, diretoras/es e coordenaras/es. Odeiam principalmente aquelas/es que defendem a escola. Essas/es defensoras/es são pejorativamente acusadas/os de **nerds**. Em algum tópico ou post que alguém se posiciona em defesa da escola, esse/a é imediatamente xingado de nerd, a quem é dirigida uma vasta gama de palavrões. O nerd é então nomeado como *otário, mané, cretino, playboyzinho, mauricinho, almofadinha, retardado, queridinho das professoras, que fica babando na frente de um livro ou não tem amigos*. Ao passo que quem odeia a escola é taxado de *anta, idiota, ignorante, imbecil, estúpido, mongol, burro, mula, besta, ridículo, patético, ralé, analfabetos e escória*.

Os textos postados no fórum da comunidade constituem um catálogo das condutas juvenis apropriadas e inapropriadas em relação à escola. Há toda uma série de prescrições sobre como se comportar, sendo que o controle desse comportamento se dá via estigmatização daquilo que não se enquadra nos preceitos estabelecidos. Dessa forma, a/o jovem deve odiar a escola, transgredir suas normas e regulamentos, xingar professoras/es e diretoras/es, não fazer atividades, colar nas provas, conversar na aula, enfim, “aprontar” muito. Assim, poderá aproveitar a vida como um/a verdadeiro/a jovem. Ao estabelecer essas condutas, o currículo do Orkut também ensina como um/a jovem não deve se comportar na escola. A/o jovem “de verdade” não deve: puxar saco de professor/a, assistir atentamente às aulas ou fazer as tarefas. E jamais, em tempo algum, gostar de estudar! Essas prescrições parecem apoiar-se em um regime de verdade¹² da sociedade contemporânea de que a juventude é por excelência transgressora. Desse modo, não deve curvar-se aos ditames da sociedade, nem comportar-se de acordo com regras e regulamentos. Deve, portanto, odiar estudar. Quem está fora desse padrão é considerado uma aberração, algo a ser combatido, execrado e exposto ao escárnio público. O nerd é, pois, um “monstro repulsivo”.

O monstro (abjeto) é visto como o diferente, a subjetividade e a cultura que não possuem autoridade em determinada época e lugar. Os monstros são “representações convenientes de outras culturas, generalizados e demonizados para impor uma concepção estrita da mesmice grupal” (COHEN, 2000, p. 46). O monstro exige um policiamento para

que continue marcando a/o diferente, para que permaneça monstruoso. A produção da diferença monstruosa objetiva então normalizar, regular e conduzir condutas, com base em formas particulares de ver o mundo, impostas como naturais, essenciais, irreduzíveis e universais. A composição do monstro, sua montagem, sua produção revelam que a diferença é arbitrária e flutuante, o que leva a questionar o processo de produção da diferença e não a diferença como um fato (COHEN, 2000).

A sexualidade monstruosa

Além da recriminação contundente aos comportamentos “desviantes” dos monstros-nerds, há ainda, nas disputas travadas nos fóruns, a utilização de jargões sexistas, os quais funcionam também como normatização das condutas sexuais da juventude. Assim, quando um/a jovem se comporta como um *nerd* ao, por exemplo, defender a escola ou professoras/es, é imediatamente taxado de *viado*, *bicha*, *gay*, *baitola*, *frango*, *bv*.¹³ As garotas, por sua vez, são as *piranhas*, *putas*, *prostitutas*, *barangas*, ou ainda: *gordinhas*, *com problemas de socialização e com falta de um homem*.

Essas qualificações se remetem a padrões culturais sexistas, moralistas e conservadores. Padrões que transformam as diferenças sexuais em monstruosidades. O monstro agora é a/o homossexual e a prostituta. É importante observar que embora os insultos, dirigidos tanto às jovens como aos jovens que defendem a escola, se refiram ao campo da sexualidade, a homofobia é utilizada apenas contra os garotos. Sobre esse aspecto, os estudos sobre gênero e a teorização *queer* defendem a idéia de que embora a produção da masculinidade e da feminilidade seja articulada à produção da sexualidade, a construção do masculino está, de modo mais central, vinculada à heterossexualidade (cf. LOURO, 1998). Isso é identificado no discurso analisado, em que a heteronormatividade incide mais intensivamente sobre os rapazes.

Nos debates da comunidade há uma série de enunciações pautadas na heteronormatividade, ou seja, em “uma obsessão com a sexualidade normalizante, através de discursos que descrevem a situação homossexual como desviante” (BRITZMAN, 1996, p. 79). As enunciações utilizadas corporificam elementos de discriminação cultural, ao proporcionar um desfile de insultos repletos de jargões homofóbicos, presentes nos mais variados tópicos e fóruns em que haja discordância de opinião ou qualquer tipo de disputa. As formas pejorativas de se referir ao homossexualismo acabam por construir uma série de prescrições que visam à regulação moral da juventude. Nas comunidades são apresentadas “posições de sujeito”¹⁴ admissíveis e inadmissíveis quanto à conduta em relação à escola e às/aos professoras/es, em que os comportamentos, as falas e os gestos são avaliados e classificados como próprios ou não. No caso de não se adequarem ao padrão normativo lá estabelecido, a tática imediatamente acionada é taxá-los como de *coisa de bicha*, com uma reprovação veemente tanto ao ato em si quanto ao homossexualismo, o qual é utilizado como xingamento, como forma aviltante de depreciar a pessoa que está sendo julgada.¹⁵

Isso mostra que, se por um lado, as/os vagabundos se pautam em categorias que

definem a “verdadeira” juventude como tipicamente transgressora, que se opõe às regras, atividades e profissionais da escola, por outro lado, utilizam as mesmas formas divisoras, hierarquizadoras e excludentes que a própria escola, no que se refere à sexualidade. Nos discursos analisados há toda uma operação que divide e enquadra a juventude orkuteira, com base em padrões normativos presentes também na escola, e objetiva as posições discursivas que exercem um poder de sujeição sobre as/os jovens.

Os estudos sobre a sexualidade há muito denunciam que até mesmo quando a escola se propõe a tratar de algum modo a sexualidade, especialmente nas denominadas aulas de “orientação sexual”, a sexualidade é tratada dentro da dimensão da vida adulta, mais especificamente em uma estreita relação com a reprodução biológica. No quadro assim traçado, as práticas sexuais não reprodutivas são desconsideradas ou envolvidas de ameaças e medos (cf. LOURO, 1998). Nesse sentido, “a associação da sexualidade ao prazer e ao desejo é deslocada em favor da prevenção dos perigos e das doenças. Nesse contexto que centraliza a reprodução, os/as homossexuais ficam fora da discussão” (idem, p. 41). O currículo escolar ensina a cada uma/a, por meio de várias lições, como viver a sexualidade normal, segura e natural: a heterossexualidade. Talvez a lição mais exemplar seja o ocultamento, ou a negação da homossexualidade (cf. LOURO, 1997). Deixar de mencionar as diferentes formas de viver a sexualidade é defendida como uma maneira de manter “os bons costumes” e garantir a norma. A escola nega as/os homossexuais no espaço legitimado da sala de aula e com isso “acaba por confiná-los às ‘gozações’ e aos ‘insultos’ dos recreios e dos jogos” (ibidem, p. 68) e também do Orkut. Isso acaba fazendo com que “jovens gays e lésbicas só possam se reconhecer como desviantes, indesejados ou ridículos” (ibidem p. 68).

A escola lança mão de uma matriz restritamente heterossexual, com o propósito de que as/os jovens obtenham a sexualidade “correta”, e desse modo marginaliza as formas “desviantes” de sexualidade. Assim, “todos os sujeitos e comportamentos que não se ‘enquadrem’ dentro dessa lógica ou não são percebidos ou são tratados como problemas e desvios” (LOURO, 1997, p. 77). São também os monstros que devem ser combatidos por diversos meios, como pelas comunidades do Orkut analisadas.

A produção da diferença monstruosa está imersa em relações desiguais de poder que acabam atuando na manutenção de uma sociedade dividida, em que algumas práticas, desejos e prazeres são legitimados enquanto outros são narrados como patológicos, doentios e anormais. O currículo do Orkut ensina como a/o jovem deve se conduzir em relação à sexualidade, e a produção da heterossexualidade acontece acompanhada pela rejeição da homossexualidade¹⁶, apresentada como a subjetividade monstruosa. Além disso, esse currículo, ao apresentar a sexualidade de forma dicotômica, opondo heterossexualismo a homossexualismo, contribui para uma produção de sentidos cristalizados e restritos sobre a sexualidade. Desse modo, deixa de discutir a diversidade, variedade e complexidade da experiência sexual humana.

Para se produzir e garantir a normatização das condutas, é imprescindível uma soma de esforços, afinal, aprendemos com Foucault (2005a) que o poder se exerce de forma microfísica por toda a sociedade, de todos os lados, de forma sutil e altamente eficiente nos

propósitos de regulação das condutas. Esse poder que está em toda parte divide, classifica, qualifica, ordena e exclui os sujeitos, a partir da vigilância permanente e intensiva dos comportamentos. Estando em todos os lugares, esse poder se multiplica, ao mesmo tempo que se une em sua tarefa de controlar as ações. Assim, podemos dizer que a regulação da sexualidade, a instituição da heteronormatividade e a exclusão das outras sexualidades diferentes da “normal” heterossexualidade são postas em funcionamento na escola e também no Orkut. Os discursos de ambos se somam na tarefa de produzir e controlar a heterossexualidade e simultaneamente transformar em monstro outras formas de vivência dos desejos e prazeres, para que estas sejam expurgadas da sociedade.

A homossexualidade monstruosa é desprezada por parte da juventude orkuteira. Sua construção é estereotipada e relegada a posições inferiores no quadro classificatório de comportamentos, descrito na cibercultura. As condutas de quem ama estudar são apresentadas como monstruosas, e requerem, portanto, o repúdio por parte da juventude “normal” que odeia estudar e é heterossexual. Isso porque a produção da sexualidade não pode ser compreendida de modo isolado (LOURO, 2003), ela acontece em meio à produção de outras formas de se conduzir. No caso em questão, a subjetividade sexual é construída juntamente com as subjetividades juvenis. Cruzar as fronteiras do que é tido como comportamento juvenil “normal” é uma espécie de traição à “naturalidade”, transformando as/os jovens que amam estudar em *nerds* desprezíveis e como tais devem ser penalizados por meio de humilhações, hostilizações e insultos. Uma forma eficiente de se fazer isso é associá-los à subjetividade igualmente desviante, desprestigiada e repudiada: a homossexual. A produção dos *nerds*, e também sua rejeição, busca controlar não apenas o comportamento de um grupo geracional específico, mas principalmente, a sexualidade desse grupo. Nessa perspectiva, a juventude pode até transgredir os padrões de conduta das/os escolares, em nome do referente *juventude transviada*, mas jamais deve cruzar as fronteiras da sexualidade normal, natural e sadia. Dito de outra forma, a regulação da juventude pode aceitar algumas formas desviantes de conduta, como em relação à escola, constituindo as/os *vagabundas/os*, desde que seja garantida a produção da heterossexualidade. Em síntese, podemos dizer que a sexualidade é intensivamente vigiada, controlada e normalizada em nossa sociedade.

Notas

¹ Este trabalho traz um recorte da pesquisa de doutorado: “Subjetividades juvenis: conectando currículo escolar e cibercultura”.

² Cf. Mendonça (2006).

³ Conforme informações constantes no site: www.orkut.com [30 Jan. 2007].

⁴ Cf. Marques, 2006.

⁵ Disponível em: <<http://www.orkut.com>>

⁶ Tópicos são temas a serem debatidos nos fóruns das comunidades.

⁷ O fórum é a instância de debate de determinadas temáticas e consiste em uma das formas de se participar

efetivamente das comunidades do Orkut.

⁸ As “técnicas de si” referem-se à relação que os indivíduos estabelecem consigo mesmos e são definidas como aquelas que “permitem aos indivíduos efetuarem um certo número de operações sobre seus corpos, sobre suas almas, sobre seu próprio pensamento, sobre sua própria conduta, e isso de tal maneira a transformarem-se a eles próprios, a modificarem-se, ou a agirem num certo estado de perfeição, de felicidade, de pureza, de poder sobrenatural e assim por diante” (Foucault, 1993, p. 207).

⁹ Disponível em < <http://www.orkut.com> > [28 Fev. 2007].

¹⁰ Idem.

¹¹ Resposta ou comentário, de um membro, a respeito do tema tratado em determinado tópico.

¹² Segundo Foucault (2004), “cada sociedade tem seu regime de verdade, sua ‘política geral’ de verdade: isto é, os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros” (p. 12).

¹³ Boca virgem.

¹⁴ Cf. Foucault, 2005.

¹⁵ É preciso ressaltar que este trabalho trata de uma parcela dos discursos que circulam no Orkut e as considerações que traz se referem a uma leitura possível desse material. No Orkut existem muitas outras coisas, outros ditos e diferentes formas de tratar o homossexualismo, tendo inclusive uma infinidade de comunidades categorizadas como “gays, lésbicas e bi” em que a temática, de modo geral, é debatida em uma perspectiva diferente da que é problematizada neste trabalho. Alguns exemplos podem ser vistos em: “Homens que amam homens”; “Somente mulheres”; “Sou contra preconceito gay” e “Eu sou lésbica”.

¹⁶ Cf. Louro (2003).

Referências

- BRITZMAN, Deborah. (1996). O que é essa coisa chamada amor – identidade homossexual, educação e currículo. *Educação e Realidade*. 21 (1). Jan./jun. p.71-96.
- COHEN, Jeffrey Jerome. (2000). A cultura dos monstros: sete teses. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. *Pedagogia dos Monstros – os prazeres e os perigos da confusão de fronteiras*. Belo Horizonte: Autêntica. p.23-60.
- FISCHER, Rosa Maria Bueno. (1997). O estatuto pedagógico da mídia: questões de análise. *Educação e Realidade*. v. 22. n. 2. jul./dez. p.59-80.
- FOUCAULT, Michel. (2004). Verdade e poder. In: MACHADO, Roberto. (Org.). *Microfísica do poder*. 20. ed. São Paulo: Graal. p.1-14.
- _____. (2005). *A arqueologia do saber*. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- _____. (2005a). *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. 30. ed. Petrópolis: Vozes.
- LOURO, Guacira Lopes. (1997). *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis: Vozes.
- _____. (1998). Segredos e mentiras do currículo. Sexualidade e gênero nas práticas escolares. In: SILVA, Luiz Heron. *A escola cidadã no contexto da educação globalizada*. 2. ed. Petrópolis: Vozes. p.33-47
- _____. (2003). Pedagogias da sexualidade. In: _____. (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. 2ª ed., 2ª reimpressão. Belo Horizonte: Autêntica, p. 07-35.
- LÉVY, Pierre.(1999). *Cibercultura*. São Paulo: Ed. 34.
- MARQUES, Angélica Alves da Cunha. Orkuteando na Sociedade da Informação: reflexões sobre as memórias individual e coletiva e o alargamento das fronteiras da intimidade. Trabalho apresentado no

III Congresso ONLINE – Observatório para a cibersociedade. Conhecimento aberto, sociedade livre. Nov./Dez, 2006. Acessado em 27 de Agosto de 2007. Disponível em <<http://www.cibersociedad.net/congres2006/gts/comunicacio.php?id=136&llengua=po>>

MENDONÇA, Felipe Marra. (2006). Os desbravadores nativos. *Carta na Escola*. Out. n. 10. p. 38-39.

PARKER, Richard. (2003). Cultura, economia política e construção social da sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes. (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. 2ª ed., 2ª reimpressão. Belo Horizonte: Autêntica. p. 125-150.

Correspondência

Shirlei Rezende Sales do Espírito Santo, Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais e membro do GECC (Grupo de Estudos e Pesquisas em Currículos e Culturas), Belo Horizonte, Brasil.

E-mail: shirlei.sales@terra.com.br

Marlucy Alves Paraíso, Professora Adjunta da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Brasil. Coordena o GECC (Grupo de Estudos e Pesquisas em Currículos e Culturas) e orienta a pesquisa que subsidia este trabalho.

E-mail: mparaiso@fae.ufmg.br

Texto publicado em *Currículo sem Fronteiras* com autorização das autoras.
